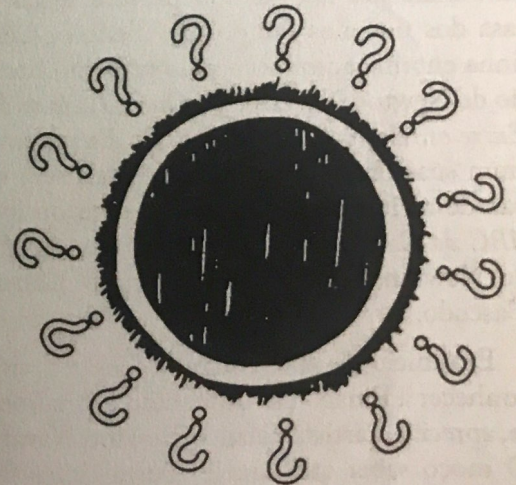


7.
OS SÓIS DE NAVARRO

César já sabia através de leituras, que muitas telas do artista chegaram a chocar a pacata cidade de Natal (...). Navarro foi um gênio, suspirava.



Morador da Redinha e grande admirador de Newton Navarro, o jovem César orgulhava-se de ter nascido no mesmo dia em que nascera o artista: 8 de outubro. E imaginava, ao andar pela tradicional praia natalense, que o próprio Navarro caminhara por ali, quando passava férias na casa dos tios, nos tempos de menino. César tinha enorme admiração pelo trabalho literário de Newton Navarro. *Do Outro Lado do Rio Entre os Morros* e *Os Mortos são Estrangeiros*, eram suas obras preferidas. O jovem era capaz de recitar de cor todo o poema do livro *ABC do Cantador Clarimundo*, segunda obra de Newton, vencedora do Prêmio Câmara Cascudo.

Era início de 2001, quando César decidiu conhecer a Pinacoteca do Estado e, finalmente, apreciar o artista plástico Newton Navarro. O moço sabia que aquele artista tinha sido um dos precursores da arte moderna no Rio Grande do Norte. Bom leitor, o rapaz tam-

bém sabia que Navarro lidava com aquarela, óleo, guache e bico de pena. Em determinado momento, comentou baixinho, como se estivesse explicando para alguém: "*Navarro começou a usar aquarela num tempo em que só se trabalhava com óleo sobre tela. Ele tinha um senso de composição muito refinado...*" - pensava alto o jovem morador da Redinha.

Para César, as formas que o artista dava às suas criaturas fugiam de todo padrão estético. Ficou impressionado quando conheceu o álbum *O Jogador*. Sabia que, nos desenhos daquele álbum, Newton havia usado a aguada, que é uma mistura de pó de café com água. Ele observava atentamente as telas e admirava a beleza das suas formas, como se estas fossem dançarinas, em total liberdade. Gigantes, porém leves. César já sabia através de leituras, que muitas telas do artista chegaram a chocar a pacata cidade de Natal, acostumada apenas às pinturas bucólicas do pôr do sol no Potengi, do Farol de Mãe Luiza, da Praia da Redinha e de outros pontos turísticos. Navarro fora um gênio. E César se alumbrava.

Pouco antes de deixar a Pinacoteca, César ficou impactado diante da série de desenhos do álbum *Profissionais do RN/ Aquarela/ 1990*.

Foi um momento de epifania, quase divino. Ele nunca tinha visto algo tão bonito, tão vivo, tão verdadeiro. Maravilhou-se principalmente com: *Aquarela dos Vaqueiros*, *Aquarela das Salinas e Plantação de Algodão*. César comparou, mentalmente, o trabalho de Newton Navarro com o de Cândido Portinari. Para ele, cada um dos dois havia adotado, à sua maneira, o engajamento regional. Mas - César refletia - Portinari pintara o nordestino sofrido, faminto, doente, que sai de sua terra em busca da cidade grande. Navarro enxergara o nordestino de outra forma: um povo forte, com músculos à mostra, guerreiro, batalhador.

O jovem rapaz se encantou com a imagem do sol nas telas. Um sol que trazia vida e riqueza para o nordestino. Mas, uma coisa chamou sua atenção: nas obras *Aquarela dos Vaqueiros*, *Aquarela das Salinas e Plantação de Algodão*, o desenho do sol era detalhadamente idêntico. Seria algum enigma? Alguma relação maior entre aqueles trabalhos? O que Navarro queria nos passar com essa charada? Por que um artista, completo como ele, teria feito o sol da mesma forma em pinturas tão diferentes umas das outras?

César saiu da Pinacoteca feliz. E, ao mesmo tempo, encucado. Queria descobrir a todo

custo aquele mistério, mesmo que não significasse nada. Para ele, o artista não tinha feito aquilo por acaso. Deveria haver alguma explicação. Foi então que o jovem teve uma ideia: resolveu procurar o poeta Luís Carlos Guimarães, grande amigo de Newton Navarro. O poeta, três anos antes, escrevera um expressivo e belo prefácio para a obra completa de Navarro lançada pela Federação das Indústrias do RN e pela Fundação José Augusto. Não foi difícil encontrar Luís Carlos Guimarães. César sabia que existia, no centro da cidade, uma espécie de *point* onde os escritores sempre se reuniam para bater papo, conhecido como Sebo Vermelho. César encontrou ali um Luís Carlos feliz e sorridente, conversando com amigos, e pediu sua atenção. César conhecia um pouco do trabalho dele, já tinha lido dois de seus livros, *O Fruto Maduro* e *113 Traições Bem-Intencionadas*. Demonstrou certo conhecimento da literatura potiguar ao dizer o quanto gostava do prefácio que ele havia escrito para a antologia poética de José Bezerra Gomes. César também sabia que Luís Carlos havia sido Juiz de Direito e professor universitário, mas a grande paixão da sua vida era mesmo a poesia.

O poeta ficou impressionado com o interesse e com o entusiasmo do jovem. E confessou-lhe que, realmente, dias antes de morrer, em 1991, Newton, numa carta, havia comentado sobre essas telas. Inclusive, explicara os sóis idênticos. Contudo, disse Luís Carlos que, naquele momento, ele não se lembrava bem dos detalhes. Afinal, haviam se passado quase dez anos da morte de Navarro. A carta, porém, estava guardada em seu apartamento. César ficou muito contente quando Luís Carlos sugeriu que ele fosse lá na semana seguinte, que iria lhe mostrar a tal carta.

Na data aprazada, para infelicidade de César, o poeta Luís Carlos Guimarães, dois dias antes de completar 67 anos, morreu de um enfarte. O que ele, aliás, previra num poema.

Restou a César o enigma dos três sóis de Navarro.